

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Ohristu Jesus

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:** Secção Religiosa: *Maria Magdalena ao pé da Cruz e do Sepulchro*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Científica: *Os principios catholicos perante a razão, XX*, *Os institutos religiosos na sua origem e nos tempos modernos*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 6.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A questão agraria da Madeira*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Litteraria: *Excessos d'amor divino*, poesia, por M. Pinto de Paiva Madureira; *A mãe do Parocho*, por Ernesto Delloye.—Secção Illustrada: *XXII, A Samaritana; XXIII, Magdalena aos pés de Jesus*, por R.—Secção Necrológica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Secção Bibliographica, por Alberto dos Guinardes.

**Gravuras:** *A Samaritana; Magdalena aos pés de Jesus.*



A SAMARITANA

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Maria Magdalena ao pé da Cruz e do Sepulchro

Fiz julgo, o Justica, Senhor, não me entregues a meus calumniadores: a todos tous mandamentos me Inellua, aborrecei o caminho da Iniquidade.

PSALMO, 118.

Jesus havia sido crucificado, morto e sepultado.

Restavam a cruz e o sepulchro; ali é que a eternidade esperava Deus e o homem.

A cruz e o sepulchro vivem ainda; mas agora estas duas coisas só dizem respeito ao homem. No tempo a que me refiro, era conjuntamente uma grande coisa assim para o homem como para Deus.

Aproximemo-nos d'estas duas coisas pois, e da cruz primeiramente, como do centro em que houve por bem á eterna sabedoria o ligar por nós a luz, o amor e a vida. Mas o que era então a cruz? era um horrivel instrumento, um supplicio de dôr e de opprobrio. A cruz aterrava o mundo, mas era a cruz que o devia assegurar: ella era mal-dita, mas era ella que devia abençoal o. Mas essa transfiguração ainda se não

havia dado, e a cruz do Calvario, a cruz do Filho do homem, que horrorisava então n'esse dia, achava-se despida de tudo o que é creatura, e não é Deus.

Contemplemos esta cruz, e vejâmos quem se achia constante n'este logar assignalado do céu e da terra.

\* \* \*

Deus ali não está, poisque o Filho queixava-se que o Pae o havia abandonado.

O anjo do jardim das Oliveiras ali não está tambem, e quando o crucificado soltava as palavras: *Tenho sede*, não é a mão invisivel de um espirito puro que lhe apresenta o calix. Nada do céu apparece ainda.

Uma branda aragem sopra de continuo; é fulgurante o sol nos resplendores do Oriente; não geme o monte de Sião; a paz reina no templo, e o véu que cobre o Santo dos Santos não está consternado: a hora é do mundo, e o mundo está presente.

Eis ahi os algozes que terminaram o seu trabalho e que descansam: ao lado d'elles os phariseus, que não acabaram o seu, e que olham com insolencia para aquelle que ha revelado a hypocrisia das suas virtudes; mais além, a guarda romana e o centurião que a comanda, com os olhos fixos, o coração agitado do presentimento que o importuna, mas que a não tem ainda esclarecido; emfim os que iam passando movem as cabeças, e que, sem inquietar-se tão pouco com o espectáculo, dizem alegremente: *Ah, tu o que destróes o templo de Deus, e o reedificas em tres dias; salva-te a ti mesmo* (1).»

Por todos os lados o abandono, o silencio o ultrage, a blasphemia; e todavia ahi está o Filho de Deus, o Salvador do mundo, o Rei dos seculos, o herdeiro de tudo o que foi creado. Aquelle diante de quem todo joelho curvará no céu, sobre a terra e nos infernos! Ah! ninguem dos seus acaso ali está, e acaso não virá nem dos vivos nem dos mortos algum amigo para o reconhecer e o saudar na divindade da sua miseria?

Oh! não, nem todos estam ausentes. Se Deus o está por um decreto da sua sabedoria e da sua justiça, se encheu de pavor, com outro decreto, a maior parte dos que amaram seu Filho, portanto resta um grupo ao pé da sua cruz, e seus olhos, ao baixarem-se, podem distinguir sua Mãe; Maria de Cléophas, irmã de sua mãe; Salomé, mãe dos filhos de Zehedeu; Maria Magdalena; o apostolo S. João; e algumas mulheres fleis que não são nomeadas, mas

que haviam por costume seguil-o e ser vil-o.

Eis aqui todo o amor do mundo ao pé da cruz.

Mas era o sufficiente; era o sufficiente para que o Salvador ali reconhecesse todos aquelles que o haviam amado antes da sua vinda á terra, e todos aquelles que o amariam um dia.

Elle via em sua Mãe, a virgem por excellencia, toda a assembleia das virgens; em Maria de Cléophas e em Salomé, todo o coro das mães e das esposas christãs; em S. João a representação dos apóstolos, dos martyres, dos prophetas, dos noviços que fazem voto de castidade, e dos homens recebendo no seio da fé a dignidade sobrenatural de todos os officios humanos; elle via emfim, em Maria Magdalena, a innumeravel e sagrada multidão dos peccadores convertidos que acham por meio da penitencia a loga nupcial ensopada do sangue do Cordeiro.

Em presença d'esse grupo, *pusillus grex*, como o proprio Christo havia chamado o oceano dos seus eleitos, o Salvador não dirige nem palavra a nenhum d'elles, com excepção de sua Mãe e de S. João. Elle diz para sua Mãe: *Mulher, eis ahi teu filho*; a S. João: *Eis ahi tua Mãe*.

E' isto apenas sobre a cruz a unica palavra relativa ás simples affeições do coração. Todas as outras palavras vieram da vida eterna e a ella voltaram.

Maria Magdalena não foi mais lembrada do que os demais assistentes; não era a paixão que havia de ser o seu triumpho, nem o característico distinctivo da sua santidade. Era n'um momento mais doce e sobre um outro terreno que Jesus Christo a esperava; e foi ahi que, imprimindo o sello á sua predestinação, lhe reservou certas graças que outrem não recebera então e não conseguira ao depois.

\* \* \*

O sepulchro foi aberto por debaixo da cruz.

O Filho do homem n'elle fica deitado como ficaria um qualquer de nós, vigiado por soldados, como se a morte não fosse bastante para destruir o seu poder, e que uma mysteriosa victoria poudesse sair da sua campa.

Esta campa, effectivamente, fica sendo senão o objecto de uma esperanza, ao menos o logar assignalado de uma piedade que sobrevive a tudo.

Maria Magdalena ahi está; ella ahi occupa o 1.º logar, como n'um logar que lhe pertence, e do qual mereceu guardal-o pela ternura prophetica de ter ungido o Senhor por duas vezes.

Todos os evangelistas dam a Magdalena a primazia n'este logar.

Desde a tarde mesma da paixão, o que indica que ella não deixou o Calvario, Magdalena põe-se a observar o logar onde é depositado o corpo do Senhor.

E' S. Marcos quem nol-o diz expressamente.

Na noite do sabbado, quando já rompia a aurora do 1.º dia da semana, veio Maria Magdalena, e outra Maria, a vér o sepulchro. Mas o 1.º raio do sol mostra-lhes a pedra revolvida do sepulchro, e o sepulchro sem o corpo do Senhor Jesus. E acontecendo que estando por isso consternadas, sem que a idéa lhes viessem do mysterio que se consummava, eis que lhes appareceram dois anjos e lhes disseram: *Porque buscais entre os mortos ao que vive? Elle não está aqui, mas resuscitou* (1).

Perturbadas, fóra de si, as santas mulheres correm para Jerusalem referir o que haviam presenciado e ouvido. São escutadas pelos apóstolos como pronunciando palavras loucas. Todavia S. Pedro e S. João correram ao sepulchro; e Magdalena segue-os só. Logo que ali chegam entraram: nada.

Sobre a pedra está o lençol, o sudario da cabeça está para o lado. Os dois apóstolos não sabem que pensar, e retiram-se. Ainda ninguem sobre a terra estava ao facto do que se havia passado, nem S. Pedro, nem S. João, nem Maria Magdalena. Um véu a todos vendava os olhos. Onde está Jesus? Só Magdalena é quem tinha ficado unicamente, unicamente entre as santas mulheres, unicamente entre os apóstolos, unicamente entre todos, ao pé d'este sepulchro vasio mas tão querido.

O momento do amor em lucta com a morte, e ignorando ainda que a morte estivesse vencida!

Ninguem como S. João para dizer-nos o que fóra. Oigamol-o:

11. Porem, Maria conservava-se em pé da parte de fóra do sepulchro, e chorava. E a tempo que ella chorava, abaixou-se, e olhou para ver o sepulchro;

12. E vio dois anjos vestidos de branco, assentados um á cabeceira, o outro aos pés, onde jazera e fóra posto o corpo de Jesus.

13. Os quaes lhe disseram: «Mulher, porque choras?» Respondeu-lhes ella: «Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o pozeram.»

14. Ditas estas palavras, olhou para traz, e vio a Jesus em pé: sem saber comtudo que era Jesus.

15. Disse-lhe Jesus: «Mulher, porque choras? A quem buscas?» Ella, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: «Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o pozeste, e eu o levarei.»

(1) S. Matheus, cap. XXVII, v. 10.

(1) S. Lucas, cap. XXIV, verbos 5 e 6.

16. Disse-lhe Jesus: «Maria.» Virando-se ella, lhe disse: «Mestre.»

17. Disse-lhe Jesus: «Não me toques; porque ainda não subi a meu Pae: mas vai a meus irmãos, e dize-lhes: «Que vou para meu Pae, e vosso Pae, para meu Deus, e vosso Deus.»

18. Veio Maria Magdalena dar aos discipulos a nova: «De que ella tinha visto o Senhor, e de que elle lhe havia dito estas cousas (1).»

Assim, n'este momento solemne da Resurreição do Salvador, momento que decidio tudo, da victoria de Deus sobre o mundo e da vida sobre a morte, não é a sua mãe que Jesus apparece primeiramente; não é a S. Pedro, o fundamento da Igreja, e a alta expressão da theologia; não é a S. João, o discipulo amadíssimo: é a Maria Magdalena, isto é, a peccadora arrependida, ao peccado que se tornou amor pela penitencia.

O Salvador havia dito antes: *Digo que assim haverá maior jubilo no céo, sobre um peccador que fizer penitencia, que sobre noventa e nove justos, que não hão de mister penitencia (2).*

\* \* \*

Em conclusão.

Jesus appareceu no mesmo dia da sua Resurreição a Maria Magdalena; ella recebe esta especial graça para recompensar a sua fé, o seu amor, o ardor e a perseverança que havia tido em ficar ao pé da cruz, e o ter ido só em busca do seu divino Mestre ao sepulchro.

Dóce consolação que este Salvador amavel quiz conceder á sua serva que havia tantas lagrimas derramado.

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º 9)

XX

#### Os institutos religiosos na sua origem e nos tempos modernos

Origem do monachato.—Os solitarios.—Reforma de S. Basilio.—A regra de S. Agostinho e suas derivações.—Instituto Benedictino.—Os seus grandes serviços nas sciencias, nas letras, na agricultura e nas artes.—Ordens de S. Francisco e de S. Domingos.—Congregações de ecclesiasticos para o ensino popular, hospitaes e missões.—Actividade dos institutos.—Os Jesuitas viajantes, historiadores, geographos, astrónomos, etc.—Pensamentos de S. João Chrysostomo sobre as ordens religiosas.—Re-

flexões.—Observações d'um distincto publicista acerca dos prejuizos que soffre a classe proletaria com a venda da propriedade ecclesiastica.

ANTES da vinda do Messias, alguns judeus, desejosos de cumprir com perfeição a sua lei, costumavam retirar-se para os desertos, e viviam entregues ao estudo das sagradas Escripturas em certas soledades do Egypto. Uma vida frugal e costumes puros e simples facilitaram a observancia da lei mosaica a homens virtuosos, cujo unico recreio consistia no canto devoto de composições poeticas. Os *therapeutas* foram o modelo das christãs associações regulares, e cre-se que estes solitarios convertidos ao nascente christianismo foram os primeiros cenobitas.

Muitos fieis adoptavam a mesma vida: o mais sancto fervor inspirou aos christãos primitivos a resolução de evitar aquella sociedade pagã, cujos costumes dissolutos offendiam a pureza dos seus principios evangelicos, e por este motivo fugiam para o deserto. Arrependidos de culpas passadas, outros estabeleceram-se em ermos desconhecidos para viver dedicados á sobriedade, á oração e ao estudo, e muitos occultavam a sua existencia em lobregas cavernas, fugindo ás honras mundanas ou ás perseguições sangrentas e ferozes.

Estas causas levaram ao deserto christãos fervorosos, que oppunham a sua virtude pura e austera aos crimes e excessos da idolatria; e entre todos sobresaiu S. Paulo, que vivendo escondido na Thebaida, escapou da feroz perseguição de Decio. Outro modelo da vida cenobitica foi S. Antonio, nobre cavalleiro do Egypto, que depois de repartir pelos pobres a sua fortuna immensa entregou-se ás mortificações d'uma vida penitente, escolhendo para morada uma certa cova; e entre as melancolicas ruinas d'um castello passou depois muito tempo da sua vida. Amigos zelosos lhe rogavam abandonasse tão espantosa austeridade e triste residencia; mas o Sancto logrou persuadir os do contrario, e resolvidos a imitarem o seu exemplo, povoaram de anachoretas a Thebaida, collocando-se sob o seu governo a direcção.

Aquelles exemplares cenobitas passavam uma vida sancta consagrada á oração e ao estudo das sciencias ecclesiasticas, e tiravam do trabalho material os recursos necessarios para o seu frugal sustento. Cada uma das associações tinha um abade, e muitos mosteiros dependiam d'um archimandrita.

Conheceram-se no Oriente quatro classes de monges, que observaram as regras de S. Agostinho, S. Hilarião, S. Pacomio e S. Macario. Chamavam-se

*Anachoretas* os que viviam completamente solitarios nos desertos; *Eremitas* quando residiam em ermidas dependentes d'uma mesma auctoridade; e *Cenobitas* os que moravam nos mosteiros em communidade com seus irmãos. Os errantes, ou *Sarabaitas*, eram monges vagabundos, os quaes não eram considerados como verdadeiros religiosos.

S. Basilio empreheudeu a reforma dos solitarios, em companhia dos quaes tinha residido largo tempo, e escolhendo o melhor e mais conveniente das antigas regras, cre-se que pelo anno de 359 ordenou as suas constituições, que a maior parte dos monges orientaes aceitaram. Reformou esta regra o Pontifice Gregorio XIII, formando uma só congregação para todo o Occidente com os monges de Italia, de Hespanha e de Sicilia (1).

No anno 390 escreveu S. Agostinho outra nova regra, cuja observancia emprehenderam numerosissimos discipulos. Estes monges dividiram-se em duas ordens, chamadas conegos regulares e eremitas, e a primeira foi-se subdividindo em diferentes familias. A estas categorias pertencem os Jeronymos, Trinitarios, Mercenarios, Dominicos, Clerigos hospitalarios, com outras congregações e diversas Ordens de Cavallaria, entre as quaes a hespanhola de Santiago, de Malta, Sancto Sepulchro e a Teutonica.

E' notavel a regra que escrevera S. Bento pelo anno 500 da Igreja para uns religiosos, que depois de austeras penitencias empregavam grande actividade no estudo, no ensino, no trabalho mechanico e na cultura das terras. São extraordinários os serviços que prestaram á civilisação da Europa estes monges artistas e agricultores entendidos, sabios, litteratos, philosophos e historiadores eminentes, e ao mesmo tempo missionarios cheios de sancto zelo; Ordem que deu á nossa Igreja muitos Papas, e milhares de sanctos e de veneraveis prelados.

Estes homens, tão laboriosos como intelligentes, estabeleceram-se em terrenos mais ingratos, emprehendendo obras gigantescas para os porem em condições de cultura e fertilidade. Os progressos agronomicos de França, Suissa, Allemanha e Inglaterra devem o seu primeiro impulso a estes monachas.

Os mosteiros dos Benedictinos foram o asylo das artes e as suas bibliothecas conservaram importantes produções do genio; reproduzidas por habeis copistas, salvando-se muitas obras de interesse scientifico e litterario, que, se não fôra a paciencia para as copiar, teriam desaparecido.

(1) No anno de 1579.

(1) S. João, cap. XX.

(2) S. Lucas, cap. XV, v. 7.

A esta regra pertencem numerosas corporações religiosas, como os Camandulenses, os Celestinos, os Humilhados e a distincta e celebre Ordem do eminente S. Bernardo. Entre as Ordens de Cavallaria observaram esta regra os Templarios, e a historica nobreza castelhana reunida nos castellos e conventos de Alcantara e de Calatrava para combater o Islamismo.

No anno de 1208 fundou S. Francisco d'Assis a sua Ordem, que subdividida em diferentes familias, deu grande numero de Sanctos e de sabios, grandes Pontifices e prelados distinctos, entre os quaes honram a nossa patria um Ximenes de Cisneros. E' gloria de Hespanha S. Domingos de Gusmão, que em 1215 fundou uma Ordem zelosissima para defender a Egreja, combatida impiamente pelos albigenses. Correspondendo ao fim do seu instituto, prestam ao povo serviços importantes os illustrados Dominicicos como oradores, mestres e escriptores, que empregam zelo extraordinario no ensino popular e em missões arriscadas e importantes.

*Continua.*

*D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.*

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

5.º

(Continuado do n.º 8)

IX

#### P. João Maldonado

**M** dos homens notaveis, tão pouco conhecido e tão digno de o ser, é sem contradicção o P. João Maldonado, da Companhia de Jesus. Foi um dos mais sabios theologos da sua Congregação, e um dos mais bellos genios do seu seculo.

Nasceu na Hespanha, d'uma familia nobre, em 1534. Estudou em Salamanca, em cuja Universidade teve por mestres dous theologos doutissimos, de muita fama n'aquelle tempo: Domingos Soto, dominicano, e Francisco Toledo, famoso jesuita, que foi elevado á purpura romana, e de quem já tratamos.

Maldonado abandonou todas as grandezas mundanas, todas as pompas do seculo, as riquezas da casa em que nasceu, para abraçar o estado religioso na Companhia de Jesus, professando em Roma, no anno de 1562.

No anno seguinte dirigiu-se a Paris, e alli ensinou varias sciencias, princi-

palmente philosophia e theologia, com grande reputação de doutrina e eloquencia.

Teve n'esta cidade um numeroso concurso de ouvintes, entre os quaes citaremos o grande S. Francisco de Sales.

Tres horas antes de começarem as suas lições, enchia-se a sala da aula de innumeravel auditorio; e elle viu-se muitas vezes obrigado a ensinar n'uma praça publica, por causa da multidão que não podia conter se na sala.

Era a admiração dos catholicos e o terror dos hereges.

Os calvinistas, de que então estava cheia a França, e que elle derrotava completamente nas disputas, accusaram-n'o de herege e ladrão, não se podendo vingar d'outra sorte contra os seus irrespondiveis argumentos.

Foi este sempre o systema dos inimigos da religião e dos jesuitas, como Luthero, Calvino, Voltaire e seus confrades: caluniar e injuriar os seus adversarios.

Assim o fizeram com o jesuita Maldonado, que victoriosamente pulverisava as doutrinas dos discipulos de Calvino.

Comtudo, Pedro de Gondi, Arcebispo de Paris, por auctoridade de Gregorio XIII, defendeu da calumnia o sabio e virtuoso jesuita, e o mesmo senado parisiense, por um edicto publico, patenteou a inpostura e infamia dos calvinistas.

João Maldonado teve uma conferencia com vinte e tres ministros da religião pseudo-reformada, que deixou confundidos, e converteu dous dos mais distinctos.

Um genio agudo, juizo admiravel, memoria prodigiosa, grande modestia, eminente santidade, desprezo de tudo o que é mundano, incrível humildade: taes eram as qualidades que adornavam o jesuita Maldonado.

Foi amado de todos os Prelados da França, e Carlos IX escolheu-o para prégador regio.

Vivia na côrte como um pobre religioso, sem abandonar jámais a oração, sem pretensões, fugiado sempre das pessoas reaes. Era tão amante da pobreza, que nada possuia alem da vil e remendada roupeta.

Todos os homens celebres o elogiam, e basta que citeamos Gilberto Genebrardo, Sixto Senense e João Lourenço Berli, que não são jesuitas.

Maldonado sabia o grego e o hebraico, e era muito instruido em toda a litteratura sagrada e profana.

O Papa Gregorio XIII, que o estimava, chamou-o a Roma para trabalhar na Biblia grega dos Setenta.

Morreu este sabio theologo e litterato em 1583, de idade de 49 annos, deixando excellentes commentarios so-

bre os Evangelhos, sobre alguns livros propheticos e varios tratados de theologia.

O P. Maldonado não seguia servilmente os theologos escolasticos: tinha opiniões livres, ás vezes até singulares, mas sempre orthodoxas. A sua traducção da Biblia é considerada como uma obra de grande merito. Não ha difficuldade que elle não examine. Quando o texto apresenta mais que um sentido litteral, Maldonado costuma escolher o melhor, sem attender á auctoridade dos antigos commentadores, tendo em vista só o que lhe parece mais verdadeiro.

O seu estylo é conciso, claro e vivo. Dotado de grande facilidade em se exprimir, de vivacidade, presença de espirito e subtilidade, elle era temivel na controversia.

(Continua)

*P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.*

## SECÇÃO CRITICA

### A Questão Agraria da Madeira

#### Origem da decadencia e lucta entre colono e senhorio

#### A verdade á face do paiz da Carta

I

Al do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguém fallou...  
Cur non?...

**N**INGUEM se agaste com estas duas singelas palavras, nem diga que ha uma certa soberana ousadia n'ellas.

Ousadia em que? Desde que a terra portugueza está inçada de aggremações de mãos politicos que, a capricho ligando-se e desligando-se, dam para ali uns governos carcomidos e viciosos, que se fazem réos de desordens, anarchias, irregularidades, prepotencias, desperdicios e oppressões; acaso não é dever de todo o portuguez, onde quer que se ache, expór o que pensa d'uma crise como a que verga actualmente o desventurado povo da Madeira?!

Que se diga haver uma certa temeridade em dar ao publico as theses que me proponho aqui apresentar, embora! posto que, em verdade, ainda até agora nenhum dos aggremiados dos partidos, grupos ou facções da Madeira, que ali ora se guerream, ora se pactizam, tem ousado trazer á luz do dia esta questão agraria, de uma infallivel resurreição para o infeliz povo da Madeira, uma vez emancipado dos seus actuaes dominadores!...

A ninguém se pôde vedar o alvitre em circumstancias tão criticas. E ha muito senhores, que na Madeira a injustiça brada aos ceus!...

A questão agraria da Madeira é de grande importancia. Essa formosissima possessão, esse fertilissimo torrão, ha de ser sempre pobre e miseravel, sempre inculto e secco, emquanto ali vigorar o actual systema de propriedade...

A historia dos tempos mostra esta verdade à evidencia, e a agricultura nunca floreceu emquanto a terra não é livre!

Pois, porventura, esse estygma e labéu da escravidão ha de permanecer eternamente na Madeira?! Quando ha de desaparecer d'ali o nome injurioso de *villão*? e o outro pouco menos infamante de *colono* para serem substituidos pelos nomes honrados de lavradores?...

O povo da Madeira é uma entidade desvalida; nem tem achado até agora o consciencioso defensor seu; nem quem dissesse francamente a causa positiva do seu grande infortunio, nem quem o dirigisse n'essa sua justa causa!...

E porque?... E' aqui que está a chave do segredo... por agora só direi... porque aos dominadores do povo da Madeira é-lhes de summo proveito de ver as populações ruraes da Ilha n'esse tumultuar continuo contra os governos, jôgo impudente até à evidencia, do que, elles mesmos, penitenciar-se, e confessarem-se ante ellas, os culpados da sua escravidão!...

Portanto senhores, como é meu direito tratar esta questão à face do paiz da *Carta*! não posso deixar de avançar desassombadamente que já mais aquella maxima: *Vox Populi: Vox Dei!*—a voz do povo é a voz de Deus! exprime a melhor e a sua legitimidade como n'esse brado supremo, embora tumultuoso, do povo da Madeira, vibrado constantemente desde 1868 até à recente data!

E' certo que os resultados tem sido tristissimos. Elles ahi estão bem frescos na imaginação de todos; e bem figurados em tantas mortes, numerosos feridos e numerosissimas prisões, nos lamentaveis casos de Funchal em 1868, de Machico em 1870, da Ribeira Brava em 1884, do Caniço em 1887, da Ponta do Sol, agora, emfim!

E' na verdade para pasmar esse alvoroto continuo da gente da Madeira levantada contra os governos no decorrer dos ultimos vinte annos.

Quaes são pois as causas verdadeiras, primordiaes, originaes, de tantas tremendas desordens?! E' o que até agora ninguém tem dito francamente; nem ao rei (é de suppôr), nem em côrtes, nem na imprensa!...

Da questão agraria da Madeira, só sei que tratou d'ella no parlamento ha

annos, com muita competencia, mas mui de passagem, o illustre deputado sr. A. Fuschini. Eis tudo... (1).

—O que?... Sim senhores...

—O *phylloxera* consume a vinha, a canna dôce vae de caminho à morte; ha crise agraria, ha fome, é grande a emigração: eis aqui todo o canção dos paes da patria; quero dizer dos eleitos pela Madeira.

Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguém fallou!...

—O que?... Sim senhores...

—Verdadeiramente, de tudo se cuidou para a Madeira nas altas regiões politicas (mesmo muito, é verdade, é justo dizer-se), excepto do principal;—isto é, principalmente de uma medida salutar que arranque aquelle povo da escravidão! por outros termos, de uma providencia para uma melhor regularisação da propriedade: de uma lei que humanamente limitasse uns tão latos direitos que os senhorios ainda ali disfructam sobre os colonos!...

—Ai do pobre *villão!* da sua sujeição ainda ninguém fallou!...

\* \* \*

As populações ruraes da Madeira não são, nem nunca foram, republicanas; se têm votado com enthusiasmo pelo Dr. Manuel d'Arriaga, não foi pelo simples facto d'este senhor seguir a idéa republicana; é certo que ellas não seguiam então n'essas luctas eleitoraes os agentes republicanos como taes, e até estes linham o cuidado de dizerem-se *arriagistas*, porque bem sabiam o máo effeito produzido no povo, dizendo-se republicanos. Esta é que é a historia, verdadeira.

Ellas não são socialistas (são ignorantes de mais para entenderem o que signifique taes denominações), ellas não conhecem os systemas politicos, e não consta que durante a terrivel crise que estão atravessando tenham querido informar-se de qual systema de governo lhe poderia advir um pouco mais de liberdade! O homem pôde aspirar à liberdade quando elle se julga na escravidão...

O que as populações ruraes da Madeira sabem porque o tem revelado constantemente, firmemente, exuberantemente é:

1.º—que carecem de aguas para as regas dos seus campos, mas que os governos lhes não tiram as indispensaveis levadas para a irrigação d'elles.

2.º—que carecem de lanhas e de matos para a vida agricola e domestica,

(1) Esripto em 27 de janeiro do corrente anno.

mas que os governos nem mesmo lhes concertam os caminhos que conduzem às serras, que são ainda os primitivos, mui defeituosos e deficientes, quasi intransitaveis.

3.º—que carecendo das lanhas e dos matos, os não têm já nas serras, nem nas Concelhias nem nas do Estado, quasi todas desprovidas de arborisação, porque os governos descuidaram-se de semeal-as (1).

4.º—que fazendo com os seus senhorios a dimidiação de todos os fructos que produzem as terras (multissimo mais como se verá mais adiante), a custo de muito despendio e fragoso trabalho, lhes pagam uma quota elevada, por consequencia indevidamente; e que os mesmos senhorios alem d'isso, abusam d'ellas, arrogando-se sobre ellas uns certos direitos de uma elasticidade mui vexatoria, mui oppressiva, emfim!

D'estas affirmativas irrecusaveis se pôde concluir, perguntando: quem deixou de inspirar às populações que soffrem na Madeira a resignação e a paciencia, os unicos remedios moraes, quando outros faltam, para seus males? quem deixou de acender nas frias trevas do seu tristissimo presente a luz vivificante do pôrvir? quem deixou de frustrar por meios humanos, com medidas apropriadas, justas, à altura da gravidade das circumstancias, as caballos crimosas dos falsos doutores que pregam aos pobres a moral da aversão e a soberania da força? quem deixou de dar aos ricos, por consequencia aos senhorios, a bastante caridade que elles deveriam ter tido para com os pobres, por tanto para com os colonos?...

Quem?!... Porque não dizer sem rodeios: o Poder religioso e o Poder civil!

Não se tracta aqui de criticar ésta ou aquella classe da sociedade madeirense: a religião sancta e pura de Christo é, o amôr de Deus e do proximo; a nossa religião—a Catholica Apostolica Romana. Tambem se não tracta aqui de julgar a fórma do governo estabelecido em Portugal: o soberano, quer seja povo quer seja rei, é de rigor a todos sollrel-o!

E' pois no meio d'um povo que encara os ministros do altar, não como os representantes de Deus, mas como empregados do governo, que cumpre fazer penetrar a fé religiosa com muita paz e com muito amôr...

(1) Um antigo deputado pela Madeira, o sr. conego Alfredo Cesar d'Oliveira, da sé d'Evora, apresentou n'uma das ultimas legislaturas um projecto de lei sobre a arborisação das serras da Madeira. Se o governo se dêsse a pena lel-o, decerto que não deixaria de reconhecer n'esse trabalho um primor de concepção; o que conviria realisar na Ilha, o *desideratus* de todos!

Para o triumpho d'esta sancta propaganda um só meio ha: expôr-se com clareza à sociedade madeirense d'hoje o que a irreligião tem feito d'ella, e demonstrar-se-lhe o que a religião tem feito e pôde fazer pelo individuo, pela familia e pelo Estado.

E' a missão do clero fazel-o; a elle cumpre não deixar corromper-se a si mesmo pelas intrigas das influencias politicas locais... nem menos o identificar-se com a politica ordinariamente devassa da auctoridade civil... quando emanada do governo dos corrilhos...

No proximo n.º seguirá a *Questão agraria da Madeira*.

*José Carlos de Faria e Castro.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### Excessos d'amor divino

*Ao Ill.º e R.º Sr. Albano José Botelho, dignissimo Abade na freguezia d'Alvarenga*

O mundo em seus delictos submergido,  
Ouvidos não prestava nos seus prophetas...  
Tal era, em que viviam, a cegueira  
Dos homens, cujos crimes horrorosos  
Por demais provocavam d'um Deus justo  
A vingança, que o mundo bem podia  
Ao cahos primitivo então voltar-se,  
Se aquella alta Bondade sempiterna,  
De seus filhos condoida, não mandara  
As culpas a remir-lhes Jesus-Christo,  
Que nos proprios inimigos quiz salvar!  
Lá baixa das alturas e se encerra  
D'uma virgem no seio immaculado  
De Deus o Primogenito mais puro  
Que o proprio sol, que o sol mais lindo e bello...  
Eis, a poz vida curta e trabalhosa,  
Que toda modelando só passara  
Aos homens o caminho, que deviam  
Seguir, a seu exemplo, no futuro,  
—Este Deus-humanado quiz ainda  
Seu Sangue tão divino em um madeiro  
Pelos homens ingratos derramar!...

São scenas tão terriveis, que commovem,  
Bem que um pobre mortal não comprehenda,  
As, que a ingrata Judéa em seu furor  
Na morte de Jesus lá presenciosa!...  
A nós os peccadores dado é só,  
E restricto dever só nos incumbem  
Na morte meditar e nos tormentos  
D'aquelle Homem-Deus que, p'ra bem nosso,  
Seu Sangue tão sagrado derramara.  
Oh! ver aos pés dos homens abatido  
Quem os homens creara filhos seus!!  
Terrivel parricidio que contrista  
Quem pensa attentamente em scenas taes!...  
E quão horrivel quadro fora aquelle  
Por durissimas cordas arrastado  
Vêr um Deus, enjo amor em seu excesso  
Por seus ingratos filhos o levava  
A soffrer uma morte a mais cruel!  
Por turba vil, infamo escaurcido  
Aquelle immenso Deus, que só ternuras  
De seu Peito abrasado a flux derrama!...  
D'escarros tão nojentos afeiada  
Essa Face divina, enjo brilho  
Encarar é vedado aos proprios anjos,  
Ministros, seus, que junto ao throno em côros  
De louvar jámais cessam tal Grandeza!...  
C'um pezado madeiro sobre os hombros

P'la encosta do Calvario o bom Jesus,  
Suor por todo o Corpo gottejando,  
Entre apupos vêr subir, e numa cruz,  
De pancadas á força e de martyrios,  
Por dois facinorosos ladeado,  
Perder a vida o proprio Auctor da vida!...  
Calcado aos pés dos homens sem respeito  
Vêr Sangue tão divino que, correndo  
Sobre essa terra ingrata da Judéa;  
Um povo tão malvado convidava  
Nesta Fonte da vida a ardente sede  
A vir em dôces hanstos mitigar!  
D'intensa dôr a Virgem traspassada,  
Chorando o Corpo exanime do Filho,  
A caso alguém pod'ria, sem ternura,  
Vêr juncto á cruz do Filho em Sangue tineto?!  
Vêr como entre gemidos, que partiam  
Do coração de Mãe tão extremosa,  
Esta Mãe, tendo o Filho entre seus braços,  
Tão doloridas vozes que a afflicção  
Aos labios Lhe trazia, sobre o corpo  
Do Filho ali soltava em tristes queixas!...  
Numa pobre mortalha quem os prados  
Semeia de boninas, e d'estrellas  
Exorna o firmamento, e os proprios vermes  
Reveste de mil côros, de mil modos!...  
Em tanto desamparo, em tal pobreza  
Dos orbes o Senhor Omnipotente...  
Oh! que excessos d'amor! que exemplo vivo  
D'humildade, pobreza e caridade!!...

Senhor! ante Vós prostrado,  
Em meus crimes abysmado,  
Venho indulgencia pedir.  
Para mim voltae os olhos;  
Afasta-me dos esoolhos,  
Que ante mim vejo surgir!...

D'esse pezado madeiro,  
Deus e Homem verdadeiro,  
Onde quizeste morrer,  
Fazei barca abençoada,  
Que da vida attribulada  
No ceu me leve a viver.

D'essas cordas que ligaram  
Vossas mãos e vos levaram  
Aos mais duros empuxões,  
Fazei fortes doces laços,  
Que aos vossos filhos lapsos  
Lhes prendam os corações.

Nos vossos Pés rotos f'ridos  
E nos Braços estendidos  
E cravados n'uma cruz  
Eu medite attentamente,  
P'ra que possa eternamente  
Ir gozar-Vos, meu Jesus!

Pela C'róa que oingira  
E fundamente ferira  
Vossa Fronte divinal  
D'ora ávante Vos off'reço  
Meus sentidos; pois conheço  
Que até 'gora vivi mal.

Pelos duros grossos cravos,  
Que ministros feros, bravos  
Vos fizeram lá soffrer,  
Fazei, Senhor, que a minha alma,  
Dos eleitos tenha a palma  
Para com-Vosco ir viver!

Alvarenga, 24 de Janeiro de 1888.

*M. Pinto de Paiva Madureira.*



### A mãe do Parocho

(Continuado do n.º 7)

**D**ECORRERAM vinte annos. Caminharam a par a vida e a morte; muito berço foi occupado durante esse prazo e muita cova cheia. Nem João nem Joanninha, o parocho e a mãe, foram chamados a contas.

Não esquecidos das virtudes do sacerdote e do moço, que em meio d'elles se creava, quizeram os velhos do logar um dia, vê-lo retomar em meio d'elles um logar de honra e auctoridade. Não pôde negar-se a taes pedidos o moço sacerdote, e voltou para juncto da mãe, não para habitar a casa onde nascera, senão ao pé do sanctuario, na antiga residencia parochial sumida entre o arvoredado.

Quem poderia assegurar ao menino João, quando exprimia aquelle desejo infantil: «quero ser como o senhor abade»—veria aquella aspiração tão cabalmente satisfeita?

Nada mudou o tempo no presbyterio. Estam lá as mesmas arvores, suas conhecidas, reconhecidas, os mesmos caminhos sombreados, a mesma gôta d'orvalho na mesma sêvera de herva, os mesmos insectos doudejantes, os mesmos passarinhos chilreando, o mesmo riso do céu sobre as loiras messes.

Tambem por alli vivem ainda as precas antigas, o antigo amor e enthusiasmo para com Deus.

Tudo envelhece em a natureza, só a natureza não, para ella hontem como hoje, hoje como hontem.

Onde param as rosas que lhe junca-ram o caminho no dia da missa nova?... Foram-se, e comtudo estam cheios de rosas os rosaes.

E quantas campas haveria mister levantar no rustico cemiterio para topar todos que assistiram áquella festa?... E comtudo, escutae! ouvem-se menos vozes na igreja, está menos attestada de povo?

Reparae n'este joven que vem des-cendo os degrãos do altar ao lado de João, de cabellos já grizalhos, quem é elle?—Pouco importa o nome; basta saber que repete hoje o que dizia o sacerdote ha vinte annos: «quero ser como o senhor abade».

E estes vinte annos decorridos, que é d'elles? Se a hora que sóa não se distingue da que soava ha vinte annos, pois ambas obedecem ao Deus que creou os tempos, ficando Elle isento do tempo...

Procurae os nos thesouros da divina justiça, onde se guardam para a eternidade as obras do tempo julgadas por

Deus dignas do sello da immortalidade, que nem o proprio Deus pôde partir.

Voltou o inverno. Sob o peso da neve vergam os ramos despojados na floresta: o chão jaz involto em alva mortalha: pelo espaço nenhum ruido, tudo silencio; apenas o tropel amortecido dos que passam sobre o regelo. Raros grupos formados aqui e além sobre o caminho da igreja, quando a noite vem caindo e o sino desprende sons pausados a pedir orações pelos agonizantes.

Brilham luzes ao longe para as bandas da igreja, e ouve-se a espaços o tilintar de campainha. Da casa de Joanninha parte correndo uma mulher ao encontro do sacerdote: «Ai! senhor, depressa que ella morre!»

Quem está em agonia é Joanninha; João é o sacerdote que vai açodado conduzindo-lhe o sagrado Viatico.

—Minha Mãe! eis aqui nosso Deus que vem a visitar-vos.

A' voz do filho descerra Joanna os olhos. Entreabre-lhe os labios descorados um sorriso que tem algo do céu.

Suergue-se penosamente:—«Dá-me o crucifixo, meu filho» N'este crucifixo resumiu seu amor de mãe a vida inteira do filho. Ainda la está, no mesmo sitio de dantes. Era desejo d'ella morrer no mesmo logar, onde tantas vezes veiu orar e chorar.

Então desprende o sacerdote o crucifixo e entrega-o á mãe.

—«Abraça-o, filho!» João obdece.

—Outra vez, João, em nome d'Aquelle que alli está, a quem adoro, e que por tuas mãos vou receber, antes de morrer.

Cumpra o sacerdote as ordens da mãe; oscula com os labios tremulos o Santo Christo, e unge-o de lagrimas. Joanninha extenuada recae sobre o leito, e passados momentos volve de novo:

—Agora, deposita-o aqui sobre o meu coração, e que ninguem o retire, nem mesmo depois de expirar. Quero que fique na cova comigo até ao dia do juizo.

O sacerdote hesita.

—Mãe, poderei pedir-vos uma graça?

—Falla, filho.

—Não poderei conservar este S. crucifixo em lembrança de si?

—Não. Eu quero-o para minha companhia na cova.

Fallar-me-á de ti no silencio do sepulchro; é que espero sentir n'elle o calor de teus osculos na fria região da morte. E' como eu desejo. Farme-ás isto, filho?

—Prometo, minha mãe.

—Deus te abençõe! Depois attrahiu

sobre o peito o filho, e traçou-lhe na fronte o signal da cruz, como faria outrora, e collou ahi os labios moribundos, dizendo-lhe em seguida:

—«Ainda uma vez, filho meu, e pela ultima vez, desejei que fosses meu filho e eu tua mãe; permittiu Deus que este desejo o satisfizesse eu. Bemdicto e louvado seja Elle!»

Em seguida lançou sobre o filho uma longa olhada, com as mãos postas a orar; depois afastando d'elle os olhos pela vez derradeira, voltou-os para o santo ciborio, e com voz mais firme:

—«Agora, meu filho, não sejas para mim senão sacerdote».

Fóram as ultimas palavras. Recebido o sagrado Viatico, cerrou os olhos e não mais os abriu.

Fallecida a mãe, cumpriu João a promessa. La estava sobre o cadaver o santo Christo, onde a finada o collocara. Ninguem lhe tocou. Antes de amortalhada, inclinou-se o sacerdote sobre a fronte d'aquella que lhe dera a vida, traçou lá o signal da cruz, segundo o exemplo recebido, abraçou-a e chorou. Elle, aquem sua mãe tantas vezes abraçara em creança, era pela vez primeira e ultima que lhe pagava esta vida.

A igreja, eil-a ao fundo de valles no tópo da verde collina.

Dezenha-se no azul do céu a flexa terminada pela cruz doirada. Passei la em um domingo e entrei, a tempo de estar ao altar o parochio, coroado de cabellos brancos. Apinhavam-se os fleis nas tres naves do templo. No fim da missa espalhou-se pelo adro e cemiterio a multidão em devoto recolhimento e oração pelos mortos.

Appareceu afinal o sacerdote e todos d'elle se acercaram. A' mão direita, justamente defronte da porta da residencia, juncto do calvario, mesmo a sombra das estatuas de Maria SS. e S. João, destacava uma lagea sepulchral acima das outras.

Dobrou-se curvando o joelho o velho sacerdote: rezou em voz alta e todos responderam.

A um rapazinho que me ficava ao lado perguntei:

—E' isto todos os domingos?

—Sim, snr., todos os domingos.

—E de quem é esta sepultura?

—Eu sempre a conheci assim; ma-man é que me disse que estava alli sepultada a mãe do senhor abbade.

Aproximei-me então do modesto monumento: não tinha nome gravado, apenas uma cruz e aos pés d'ella, como se estas palavras alli mesmo caissem

dos labios de Jesus moribundo, a seguinte inscripção:

MATER ECCE FILIVS TVVS  
FILI ECCE MATER TVA

«Mãe, eis o teu filho: Filho, eis tua mãe.»

Então comprehendí melhor porque deslisaram duas lagrimas pelas faces do veneravel sacerdote.

Ernesto Delloye.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

XXII

### A Samaritana

ESTS, um dia, em caminho da Samaria, quedara-se junto do poço de Jacob, ás portas de Sicheim, emquanto os discipulos entravam na cidade em procura de alimento. Era áquelle poço que vinham as gentes do sitio tomar agua, e, na occasião em que Jesus parecia descansar, chegou-se uma mulher samaritana sobraçando a bilha em que havia levar a agua do poço.

Era mulher de maus costumes e de má vida, e Jesus lhe disse:—*dd-me de beber.* A Samaritana tomando ares de mofa, como soem fazer todas as da sua condição, disse:—*pois vós, que sois Judeu, pedis agua a uma Samaritana?*

«Se conheceres os dons de Deus, e souberas quem te está pedindo agua, talvez tu mesma lh'a pediras a elle, e elle te dera agua vida.»

A mulher motejou ainda, porque julgava poder enganar a Deus como enganava o mundo, mas Jesus, que lia, e lê e lerá sempre nos corações perguntou-lhe pelo marido, fallou-lhe dos seus desvarios, despediu um raio da graça que foi illuminar aquelle coração ulcerado pelo peccado, e a mulher, a Samaritana fita detidamente Jesus, reconhece n'elle o Messias, o Salvador da humanidade, e, deixando o vaso que trouxera para tirar a agua que apaga a sede do corpo, foi á cidade proclamar que tinha encontrado a fonte d'onde brotava agua que apagava a sede do espirito.

E vae por toda a parte, falla a todos em Jesus, esquecida de si, desprezando os quefazeres mundanos, porque a sua alma estava inflammada no amor divino, porque o seu coração era abrazado nas chammass da fé.

A nossa primeira gravura representa esse quadro singelamente esplendido da conversão da mulher perdida, pelas palavras de Jesus.

## XXIII

## Magdalena aos pés de Jesus

Jesus com os discipulos entraram em casa de Magdalena e Martha para descansar, e em quanto Martha andava atarefada com os convidados da casa, dando ordens aos creados, tudo preparando para dar recepção digna a Jesus Christo, Magdalena, a que se regenerára só com ouvir as palavras do Divino Mestre, ajoelhada a seus pés estasiava-se ouvindo-o, não se saciando de contemplar o divino rosto do seu Salvador.

Martha agastou-se com o proceder da irmã e chegando-se junto a Jesus, lhe disse: «Não vedes, Senhor, como minha irmã consente que só eu vos sirva? Dizei-lhe que venha ajudar-me».

«Martha, Martha, respondeu Jesus, em quantas cousas pensaes! e n'uma só te é necessario pensar. Maria escolheu para si o quinhão melhor, e não lh'o hei-de eu tirar.»

Assim mostrava Jesus que o negocio primeiro a tratar, o que mais nos deve preocupar é da salvação, e é ainda esta resposta, que então o Salvador dera a Martha, a que devemos dar aquelles que, inflammados n'um falso zelo, tem critica para as pessoas que frequentam o templo, que amiudadas vezes procuram o tribunal da penitencia, e vão, depois de purificados, tomar assento no banquete eucharistico, fonte de todas as graças.

Deixae-os. Quando vos disserem: «esta gente não terá que fazer em casa?» respondi-lhe com as palavras de Jesus, e continueae vosso caminho, como fez a Magdalena, que seguiu sempre a Christo até o ver morrer no madeiro infamante. E ahí, na vasta esplanada do Calvario, ella, a peccadora arrependida, que tinha enchugado com os cabellos os pés do Mestre, ás vistas de todos, conservava-se postada junto á Cruz, ajoelhada na terra ensanguentada, varrendo-a ainda com as longas madeixas dos mesmos cabellos, que lhe haviam sido vaidosa ostentação, e que eram agora esponja que recolhia as ultimas gottas de sangue do Divino Martyr.

Sublime quadro o que a nossa segunda gravura representa! N'elle vemos as filhas do Evangelho, as desposadas de Christo do seculo presente, esquecidas do mundo, despresando seus encantos, para só ouvirem a divina palavra, atravez os labios dos ministros da Igreja.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



FINOU-SE ha pouco em Cabeceiras de Basto o Rev.<sup>mo</sup> Padre Henrique de Souza Leite Ribeiro, virtuoso sacerdote, bemquisto e estimado de todos que conheciam sua bella alma, e desde muito leitor da nossa Revista. Cedeu aos estragos de um padecimento que por muito tempo lhe atormentara a existencia.

Dando sentidos pezames a seu irmão o Rev.<sup>mo</sup> Padre Manoel Balthazar Leite Ribeiro, pedimos aos nossos leitores se dignem suffragar a alma do bom sacerdote com suas orações.

Em Lisboa finara-se outro assignante do *Progresso Catholico*, o Rev.<sup>mo</sup> Padre Joaquim Soares da Cunha, por alma de quem pedimos tambem as preces de todos os nossos amigos.

Deixara tambem a vida presente um bom catholico, o snr. José Manuel Rodrigues, que fôra amigo do nosso periodico de que nos dera provas, durante o seu peregrinar n'este valle de lagrimas, pelo que desejamos suffragar-lhe a alma com as orações de todos os nossos leitores, caridade que, de certo, nos não recusarão, manifestando ao mesmo tempo ao filho do finado o nosso profundo pesar.

Natividade de 80 annos finara-se em Torres Novas no dia 28 de fevereiro o muito Rev.<sup>mo</sup> Padre Joaquim Gomes Duque, sacerdote exemplarissimo, de muita virtude, tendo consagrado toda a sua vida no serviço da Religião de que era ministro dignissimo.

O finado era tio do nosso bom amigo e incansavel correspondente em Torres Novas o snr. José R. dos Santos Gomes, a quem damos pezames sentidissimos pela perda soffrida, não lhe aconselhando os consolos da Religião porque de sobra sabemos os sentimentos catholicos que lhe adornam a alma; mas pedimos a nossos leitores e amigos que se não esqueçam em suas orações do finado sacerdote.

Está enlutado mais outro amigo nosso e da nossa Revista, o Rev.<sup>mo</sup> Padre Jo-

quim José Soares, de Padim da Graça, pelo fallecimento de seu avô o snr. João Francisco da Costa, que deixou a vida presente na invejavel idade de 88 annos. Fôra o finado capitão de milicias realistas e dirigiu sempre as suas acções, como lemos n'uma noticia bra-careense, pela norma da justiça e da probidade, pelo que terá recebido já as celestes recompensas; mas nem por isso deixemos todos nós, que cremos na efficacia da oração de offertar as nossas supplicas como suffragio por sua alma. Ao nosso bom amigo e collaborador, a expressão sincera de que tomamos parte na dôr que ora lhe punge o coração.

Mais outro leitor do *Progresso Catholico* vestido de luto, o snr. Abilio Nuno Duarte, de Celavisa, por haver perdido sua mãe extremosa, a snr.<sup>a</sup> D. Laura Thereza Duarte, senhora de crenças puras, como o eram todas as pessoas educadas em tempos de mais fé que os que correm presentemente.

Tenha nosso Senhor sua alma na morada dos justos, não lhe faltem as orações dos amigos da nossa Revista, e dê o bom Deus resignação ao filho enlutado, a quem damos pezames sentidissimos por tão triste acontecimento.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

## As alleluias!

Tudo será festa, tudo alegrias em todos os corações catholicos ao receberem o presente numero da nossa Revista, porque terá a Igreja nossa Mãe memorado o facto mais estupendo de quantos nararam as paginas da historia da humanidade — a resurreição de Jesus Christo.

Como catholicos e mantenedores das antigas tradições e patriarchaes costumes, e inflammados no fogo de tão intenso entusiasmo, damos a todos os nossos collaboradores, correspondentes auxiliares e leitores em geral:

## BOAS-FESTAS PASCAES

No dia 2 do corrente por occasião das festas em honra de seu nascimento e coroação, recebeu o Santo Padre as felicitações dos cardeaes, respondendo á mensagem que o cardeal Saconi apresentou em nome do Sacro Collegio, com um discurso altamente importante ao mesmo tempo que commovente.

S. Santidade, depois de ter fallado das imponentes manifestações do mun-



do inteiro em honra do seu jubileu sacerdotal, accrescentou:

«No meio das grandes consolações que estas festas universaes nos causaram, temos muitos motivos de amargura e de pungentes preocupações; e o primeiro d'estes motivos é a triste situação Nossa e da Santa Sé, porque esta situação é indigna do chefe supremo da Igreja e é inconciliavel com a sua verdadeira liberdade e independencia.

«Appellamos para os factos, especialmente para essas demonstrações recentes, favorecidas e animadas pelos homens do governo, com o fim de insultar á nossa vista a Igreja catholica, de exaltar a revolta da razão contra a fé, e de fomentar um odio dos mais satanicos contra a divina instituição do Papado.

«É bom que o mundo catholico conheça estas indignidades a fim de que melhor se convença dos verdadeiros designios que se manifestam mais abertamente, e que saiba como se quer que Roma seja a séde respeitada do catholicismo.

«Se foi possivel celebrar em Roma jubileu entre os muros domesticos e

sem festas exteriores, quem não vê que isto se fez, porque, nas circumstancias actuaes, os governos entenderam que era util não pôr obstaculos áquella celebração? Mas tem o poder de impedir esta celebração, e se, n'outras circumstancias, por causa dos interesses politicos ou outros quaesquer motivos lhe approuvesse tomar uma attitude diferente, que protecção poderíamos Nós esperar?

«É pois evidente que estamos aqui á mercê e ao capricho d'outro, que de facto a Nossa independencia é nulla, e que a liberdade que Nós deixaram é illusoria e inteiramente precaria. Já o notamos por varias vezes; o vicio é intrinsicamente á mesma natureza das cousas.

«Em quanto a situação não mudar substancialmente, qualquer que seja a modificação, Nós nunca nos podemos

dizer satisfeito nem nos podemos accomodar a esta situação.

«Se o Pontificado não cessou de se cobrir de gloria e de receber homenagens, mesmo quando os Papas viviam nas catacumbas e nas prisões eram perseguidos, isto não é argumento que possa provar que estejam destinados a viver n'um tal estado de violencia. De mais, o esplendor e a gloria do Papado não provinha então dos inimigos que o combatiam, mas era o effeito da virtude

grandes dotes oratorios que possui o joven sacerdote, que é um dos professores no Collegio da Formiga.

Provou na primeira conferencia a necessidade da Religião Catholica, distendendo perante o numeroso auditorio o quadro do mundo pagão, apresentando para confronto a mudança que se operara nas sociedades onde jorrara a luz da Fé, apontando tambem o que seria o mundo se essa luz podesse apagar-se.

Demonstrou na segunda quanto ephemeramente são as felicidades, alegrias e grandezas que o mundo offerece aos seus adoradores, e que só na Religião santissima de Jesus, só quem seguir as praticas e ensinamentos do Divino Mestre tem a verdadeira felicidade n'esta e na vida futura.

Fez ver na terceira conferencia os horrores da incredulidade, a fatalidade dos que não creem, a miseria, a desventura dos que fingem não crer, e mostrou té á saciedade as santas alegrias, as consolações dos seguidores de Jesus, dos que tem fé, dos que tem caridade, dos que tem esperanças; dos que sabem, mesmo na adversidade,

abraçar-se á cruz, e esperar do céu remedio para seus males.

Na quarta, finalmente, fallou da confissão, d'esse tribunal divino que é unica taboa de salvação, e tambem o unico baluarte que defende as sociedades de cairem na mais atroz das tirannias. Provou admiravelmente n'esta conferencia a necessidade da confissão.

Damos mais uma vez os parabens ao eloquente orador, a quem agouramos um futuro brilhantissimo.

Era de ver que assim aconteceria. A vinda a Portugal da tuna compostelana, que não era outra cousa mais que uns quantos paluscos que de bandurra em punho vinham a terras portuguezas dar mais largas ainda ás folias e desvairamentos d'este bom povo, em antigas eras costumado a mais decentes diversões, a mais serios passatempos.



MAGDALENA AOS PÉS DE JESUS

divina de que o Papado é dotado, e a través dos seculos.

«Esta virtude e esta Providencia são motivo para esperar que, finalmente, brilhara o dia em que o Papado será restituído ao estado de dignidade e liberdade que a sua natureza e a sua missão na terra exigem.

«Todos os nossos esforços futuros tenderão para este fim, do mesmo modo que os nossos esforços durante os dez annos passados do nosso Pontificado; assim procederemos em quanto vivermos, e para esta obra contamos com o concurso do Sacro Collegio que é para Nós uma força e uma consolação.»

Assistimos ás conferencias que o Rev.º Padre Vasconcellos fizera em S. Francisco de Guimarães nos quatro domingos de Quaresma, e admiramos os

Não chegava já a immoralidade dos theatros e dos bailles nos salões doutros dos grandes; foi mister que viessem os *tunos* exhibir e fazer exhibir os mesmos desmandos em plena rua.

E assim aconteceu, infelizmente, como se vê d'uma correspondencia que o nosso illustrado collega da *Ordem* publica no seu n.º 998, na qual um bom bracaraense lastima o que presenciara durante as festas *tunisinhas* em Braga. Leia-se e avalie se o que seria em Lisboa, Porto e Coimbra:

«O que vimos, o que presenciámos n'esta cidade por occasião da recepção e dos festejos em honra da *tuna* compostelana, bem demonstra o estado degradante e immoral a que temos baixado!

Parece que a educação e o brio de que tanto se ufanava a aristocracia de Braga, foi banido e repudiado pelo detestavel progresso da actualidade, para dar maior lustre à immoralidade que caminha allaneira e avança à sombra de uma *arvore* enraizada no vicio e no crime.

As manifestações que aqui se fizeram aos *tunos*, deixaram de si bem triste memoria, pelas scenas indecorosas que presenciámos a quem tinha o dever de ser honesto...

Embora tenha sido este o assumpto forçado de todas as conversações; e ainda que muitas senhoras, até aqui bem conceituadas, se tornassem merecedoras das mais acres censuras por seus actos bem pouco conformes com a razão, com a decencia, com a honra e com a civilidade, todavia a caridade prohibe-nos a narração de algumas cousas, já bem publicas n'esta cidade. Mas, para que conste até onde chegou o enthusiasmo e o delirio, como dizem alguns, mas que nós chamaremos simplesmente—demencia, diremos sómente que houve senhora que chegou a beijar, com incrível doidice e no meio de um publico numeroso, o chapeo embicado e encolherado de um *tuno*!...

E porisso, apenas lembramos aos chefes de familia que acautelem as suas filhas de certas companhias da alta sociedade, que as pervertem e corrompem. Que obstem, quanto poderem, áquellas reuniões que fazem perder a educação, a moral e a virtude, de que a sociedade tanto necessita, e sem as quaes não poderá subsistir; e d'esta sorte nada mais farão do que cumprir o seu dever.»

Simplemente triste.

E continuará a patuscada, porque valeu a pena a passeata, foi mesmo um bom negocio, como vemos n'um jornal de Lisboa, que nos diz que os espectaculos dados no Gymnasio pelos *tunos*, renderam para elles 1:500,000 réis, e

que em Braga receberam ainda 240,890 réis.

O jornal d'onde tiramos estes allegorismos, o *Diario Illustrado* acrescenta: «Formidavel, e mesmo muito convidativo para uma nova visita em 1889.»

Enquanto se dá assim dinheiro aos *pandegos*, depois de lhe pagar bem as despezas, deixa-se morrer muito miseravel à fome, desconhece-se muila desventura, que se podia aliviar, e deixa-se ao abandono no lagedo das ruas a infancia desvalida.

E' que a época vae para *tunas*!

O Governo da Republica franceza condecorou mais 3 Irmãs da Caridade pelos seus bons serviços prestados à humanidade, pela forma seguinte:

A Irmã Moissac, de 82 annos, por ter 54 annos de serviço nos hospitaes.

A Irmã Maria Virginia, directora do hospital de Saigon pelos seus serviços, durante 25 annos, na Cochinchina, China e Japão, durante os quaes atravessou 15 epidemias de cholera, 21 de febre typhoide e 9 de bexigas.

A Irmã Maria Izabel, pelos seus serviços em 24 annos nos hospitaes militares etc.

Já viram os nossos leitores peitos de heroes onde tão bem caíam as recomensas, como estas das humildes filhas da caridade?

Então que querem? Levaram à officina a descrença, o desrespeito à auctoridade, e amor a todas as paixões, e agora não ha mais que soffrer as consequências do que se ensina ao operario, que foi sempre honrado e respeitador, nos jornaes, nas brochuras, nas conferencias. Uma prova do que levamos dito temol-a na seguinte noticia que dá um jornal de Lisboa:

«Por livre-pensadeirismo, não se descobriram á passagem do Senhor dos Passos em Belem, varios individuos, a maior parte dos quaes são serralheiros.

Os marotos como estão habituados aos calores da forja, entenderam que os do inferno não serão muito mais para temer.

Foram presos, é claro, porque são indecentes e malcreados. Não se contentaram só em se não descobrir. A's senhoras que estavam pelas janellas, dirigiam-se em voz rouca e aguardentada por genebra e varias bebidas philosophicas:

—Então vocês ainda gastam tempo com estas frioleiras. E' para se mostrarem, suas gajas.»

Não é uma cousa bonita e uma mostra do que hade ser a nossa sociedade amanhã? Serão bem educados os filhos d'estes homens? Terá que esperar d'elles nada bom a sociedade?

Falleceu em Guimarães a ultima freira do convento de Santa Rosa de Lima, da Ordem dominicana, tomando desde logo a Fazenda conta do convento e mais pertences, não como bens nacionaes, mas como roupa de francezes, havendo por essa occasião, segundo nos consta, choros, desmaios, e todas as scenas tristes que em taes casos costumam dar-se por parte das pobres mulheres que ali viviam, e que, de certo, tem d'ir mendigar o pão de cada dia.

D'este convento diz o Padre Torquato Peixoto d'Azevedo, no seu livro — *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, escripto em 1692: — «Desejando algumas pessoas um lugar onde podessem recolher-se donzellas a pouco custo, para viverem honestamente e clausuradas, compraram casas e terras na rua Travessa, onde fundaram o recolhimento de Santa Rosa, em 1630, para cuja fabrica concorreu com especialidade o Padre Frei Sebastião pedindo muitas esmolos, e era então prior em S. Domingos de Vianna do Castello.»

Aqui está como é que algumas pessoas piedosas, à custa de sacrificios, fundam uma casa de caridade e virtude, dando o que teem, pedindo esmolos, etc., etc., para depois, 258 annos depois, apparecer os agentes da auctoridade, a quem competia livrar as freiras e o convento de qualquer *ataque*, tomar conta de tudo, fechando as portas do templo ao culto, as do convento à virtude, e ensinando assim o mais atroz dos communismos!

E depois coalham de bayonetas as povoações, e fusilam o pobre povo quando elle se levanta contra a propriedade e pede pão!

Está definitivamente installada em Lisboa a irmandade dos Clerigos pobres, com o titulo da *caridade e protecção da Santissima Trindade*, e da qual recebemos os respectivos estatutos approvados pela auctoridade civil e ecclesiastica.

Destina-se esta associação a prestar os devidos cultos à Santissima Trindade e ao Santissimo Sacramento, a prestar soccorros espirituaes aos irmãos vivos e defunctos, e a prestar soccorros temporaes aos irmãos.

O fim d'esta corporação é agregar a si todo o clero do paiz, e se o conseguir, que grandes serviços não prestará à classe clerical, que terá n'ella seguro o seu futuro. Devem, pois, todos os ecclesiasticos procurar fazer parte da *Veneravel Irmandade dos cleros pobres*, podendo pedir os estatutos ao Juiz da mesma, S. Ex.ª Rev.ª Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Secretario do Em.º Snr. Cardeal Patriarcha, que promptamente lhe serão enviados.

Havia falta d'uma instituição d'esta

ordem, e por isso, louvando os pios desejos dos instaladores, sempre nos empenharemos pela sua prosperidade.

No dia 9 do corrente distribuiu a Sociedade Martins Sarmento, na fôrma dos mais annos, premios aos alumnos mais distinctos das diversas escolas do concelho de Guimarães, cerimonia para que a mesma Sociedade teve a delicadeza de convidar a Redacção da nossa Revista, honra que muito agradecemos, sentindo não poder comparecer, como desejavamos, manifestando, não obstante, o nosso reconhecimento e louvando muito o empenho que a dita Sociedade mostra em promover a instrução.

Por uma circular que temos presente sabemos que uma commissão trata de realizar um bazar e exposição de prendas, para com o seu producto fazer face ás despezas com os melhoramentos da Penha, junto a Guimarães. São dignos de louvores os promotores, pelo que os felicitamos.

O abrasamento dos cadaveres é acto prohibido pela Igreja Catholica. Já aqui um dos nossos collaboradores o disse (no n.º 22 do 9.º anno, pag. 260, sob o titulo *As catacumbas de Roma*).

Agora vamos contar aos nossos piedosos leitores como na Camara dos Senhores na Saxonia foi discutida e resolvida a questão da queima dos corpos. ha pouco.

A Camara dos Senhores da Saxonia tinha de pronunciar-se sobre a questão da queima dos corpos em vista de uma petição que a Sociedade *Urna* lhe havia feito, com o fim de obter para os habitantes do reino a auctorisação de mandar queimar os mortos.

O snr. Pank, superintendente da Igreja protestante da Saxonia, e o snr. Kohlschütter, prégador da corte, tomaram ambos a palavra em nome do clero protestante para combater a petição. Ambos sustentaram que a queima dos corpos era contraria á fé christã, e que os motivos estheticos que faziam ponderosos em favor d'esse modo de sepultura eram sem valor nenhum. Accrescentaram que a inhumação não offerecia, sob o ponto de vista da hygiene, os inconvenientes que os partidarios da *Urna* se deleitavam a contar.

O bispo Bernert, que fallára ao depois em nome da Igreja catholica, fallou quasi debaixo do mesmo ponto de vista. E terminou o seu discurso dizendo quem decidia a questão para os fieis da Igreja catholica era o parecer do Papa. Que se havia dirigido á Santa Sé para saber o que cumpria julgar do abrasamento dos corpos, e que a Santa Sé respondera que esse modo de sepul-

tura, sendo de origem pagã, não podia senão contribuir para ruinar a auctoridade da Igreja, que cumpria condemnalo e prohibir a todo o catholico fiel e crente de o não participar nem o pagar.

A Camara alta saxonica, regeitou por unanimidade a queima dos corpos.

Os governos protestantes deram aos governos catholicos, pelas festas jubiliares de Sua Santidade, uma boa ensina; bom é que elles aprendessem.

Vejam os nossos leitores como em Malta foram celebradas as ditas festas no dia 1.º de janeiro:

«Dispoz o Governador que o dia 1.º fosse de festa para todos os seus subordinados, o que foi annuciado na vespera, á hora do *Angelus*, com um toque geral dos sinos, e illuminação de todos os edificios publicos, e de quasi todas as casas particulares.

O romper da aurora do dia 1.º foi saudado com uma salva de artilharia de 51 tiros. Os Fieis correram aos templos para ouvir a Missa jubilar, havendo muitas communhões.

A's 9 da manhã se reuniram na Cathedral de S. João os membros da Commissão do Jubileu, os Ecclesiasticos, Cavalleiros pontificios, chefes civis, militares e da marinha, e grande multidão de povo.

Dentro do templo uma companhia do regimento de artilharia de Malta fazia as honras, apresentando armas durante a Elevação; outra companhia do mesmo regimento situado na praça da igreja, com musica á frente, fez as honras ao Governador, que chegou á igreja com todo o seu Estado maior e assistiu ao *Te-Deum* que se cantou depois da Missa.

A' tarde a dicta auctoridade deu um jantar de gala ao Administrador apostolico como Representante de Sua Sanctidade, sendo no fim brindado o Soberano Pontífice, a Rainha Victoria e o Governador.

Uma brilhante e esplendida illuminação pôz termo a esta festa dada em honra de Sua Sanctidade pelos Maltezes, e não só auctorisada, senão tambem realisada pelo Delegado de um Governo protestante, e talvez tambem protestantes o Governador e os soldados da guarda.

E' bom fazer confrontos.

O que fazem os jesuitas por esse mundo fóra:

«Só a Companhia de Jesus das Províncias de Italia tem as seguintes missões no Ultramar (não contando 68 missionarios Jesuitas italianos incorporados nas missões francezas, hespanholas, inglezas, hollandezas e allemães, na Africa equatorial, Filipinas, Maduré,

China, Guyana, Algeria, Bengala, republicas da America, etc):

1.ª—*Missão do Brazil*—com 2 grandes collegios (o de *Itú*, que conta mais de 400 alumnos internos, e o de *Nova Friburgo*) e 2 residencias, em *Nova Trento* e *Nova Friburgo*.—54 religiosos.

2.ª—*Do Novo Mexico e Colorado*, com dois collegios (em *Las Vegas* e em *Morrison*) e 6 residencias (em *Old Albuquerque*, *Tiptoreville*, *Conejos*, *Deuver*, *Pueblo*, *Trinidad*).—73.

3.ª—*Das Ilhas Egeas*, com 2 residencias—em *Sira* e em *Tine*.—16.

4.ª—*De Constantinopla*, com 1 collegio e uma residencia.—22.

5.ª—*Da California*, com dois grandes collegios (de *S. Francisco*, frequentado por mais de 700 alumnos, e o de *Santa Clara*, que tem mais de 300, sendo reconhecidos pelo Estado os graus universitarios conferidos n'este); escholias externas em *S. José*, e uma residencia nos *Gatos*.—116.

6.ª—*Das Montanhas Rochosas*, com 7 residencias e escholias (*Spocave Falls*, *Montana*, *Colville*, *Dermet*, *Lewiston*, *Jaksma*, e *Alaska*).—67.

7.ª—*Da Albania, Dalmacia, e Illiria*, com um collegio e seminario em *Scutari*; item em *Zara*, e 4 residencias em *Strancia*, *Spalato*, *Ragusa* e *Lussin-grande*.—63.

8.ª—*De Mungator*, com um collegio (em *Hedyah Hill*), um seminario em *Hepon*, e 3 residencias em *Cananór*, *Mo-Id* e *Calcut*.—44.

Numero total d'estas 8 missões: 445 missionarios.—Acrescentando os 68 dissimados nas outras missões de que acima fallamos, temos—523 missionarios Jesuitas italianos, que são apenas a 6.ª parte dos que a Companhia tem espalhados pelo mundo, fóra da Europa.»

J. de Freitas.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

TEMOS ha muito sobre a nossa banca de trabalho e estudo um precioso livro, ácerca do qual temos notado, da parte da imprensa periodica, um silencio, que nos faz agourar um bom resultado para o trabalho a que se propoz o auctor.

*A Cruz e a Fé, ou a Revelação*, tal é o titulo do livro que nos occupa, firmado por Um Catholico portuguez, que lemos, lendo tambem o Juizo que d'elle fizera um nosso amigo, dos mais competentes na materia, o que tudo nos leva a recommendar, e a empenharmos pela propagação de tal obra, formada por umas seiscentas e tantas paginas, pelas quaes se destacam belle-

zas poeticas, que uma serie de notas, philosophicamente escriptas, e ao sabor da mais sã doutrina catholica, explica e commenta, condemnando os casos e perigos, que bem de perto ameaçam a sociedade actual.

O auctor, de certo, estabelecerá deposito da sua obra nas livrarias catholicas do paiz para mais facil propaganda, podendo desde já ser requisitados quaesquer exemplares a este Centro de Propaganda.

... Editada em Coimbra, e traduzida pelo illustrado lente de Vespera da Faculdade de Theologia, Monsenhor Luiz Maria da Silva Ramos, temos recebido a primeira das Conferencias do P.º Monsabré, feita em Notre Dame, em Paris, na quaresma de 1873, sobre a *Idéa Geral do Dogma Catholico*.

Primoroso trabalho este do sabio pré-gador francez, e grande serviço do não menos sabio traductor portuguez, pois que enriqueceu as patrias lettras com uma obra de summo valor por qualquer lado que se encare.

Recebemos os 4 primeiros fasciculos que muito agradecemos. Custa cada fasciculo, de 48 paginas, em 8.º 120 réis, e cada volume 600 réis.

... **Homenagem do Arcebispo de Perga ao SS. Padre Leão XIII**—Reunido em um voluminho recebemos a Pastoral que S. Ex.ª Rv.ª o Snr. Arcebispo de Perga fizera publicar e que o *Progresso Catholico* reproduziu. ácerca do Jubileu Sacerdotal do Santo Padre Leão XIII, e a Allocução Gratulatoria que o mesmo Prelado fizera na Sé Cathedral d'Evora em 31 de dezembro de 1887, por occasião do *Te-Drum* alli celebrado.

Tecer elogios a estes dois preciosos documentos não o faremos, porque bem conhecido é de nossos leitores o saber do venerando coadjutor de Evora, mas elogiamos os fins que S. Ex.ª Rv.ª teve em vista offertando-os para ajuda das obras da reconstrução da Igreja da Ordem 3.ª de S. Francisco do Campo Grande, em Lisboa.

O preço de cada exemplar é de 200 réis, e como o producto de venda é applicado nas obras da reconstrução do templo, todas as pessoas, que adquirirem cada exemplar concorrem com a esmola de 200 réis para um fim justo e santo.

Os pedidos podem ser feitos ao muito Rev.º Commissario da Ordem, Padre Francisco José d'Oliveira, rua Ivens 23, e ao mesmo pode ser enviado qualquer donativo para custeamento das obras da nova igreja.

Agradecemos os exemplares que nos foram enviados, e pedimos a todos os nossos leitores procurem adquirir o opusculo referido.

... Temos fallado por varias vezes d'uma obra de grande alcance—**A Religião em face da Sciencia**, de que recebemos o ultimo fasciculo, com que terminou o 3.º e ultimo volume.

Esta obra é preciso que se leia; que a leiam os bons filhos da santa Igreja para se fortalecerem em suas crenças, e que a leiam tambem os que apodam a Igreja de inimiga das luzes, da sciencia, para saberem que é ella, e só ella, que tem derramado o saber e sciencia pelo mundo atravez dezenove seculos, e apezar das traves que os inimigos da verdade lhe tem posto no seu glorioso caminhar. Leia-se a **Religião em face da Sciencia**, que o snr. José Maria d'Almeida, de Vizeu, editou em portuguez, e seguro será o juizo feito da Sacrosanta Religião de Jesus Christo.

Os 3 volumes custam 3\$600 réis.

... D'entre os muitos livros, opusculos e folhetos que recebemos, destaca-se com notavel saliencia o que tem por titulo:—**Estatutos da Officina de S. José**, estabelecida no Porto. Tomar estes estatutos, ver o desenvolvimento que tem tido uma tão santa instituição, conhecer os meios de que dispõe o seu fundador, o já agora benemerito Padre Sebastião Leite de Vasconcellos, o mesmo é que flectar a obra de Deus, e admirar o quanto pode, o quanto vale a fé, a esperança, a caridade, essa trindade santissima que o Padre Vasconcellos tão dedicadamente tem posto em pratica.

São cinco as artes ou officios que ali se ensinam aos pobresinhos que a caridade ali recolhe: Sapateiro, Alfaiate, Carpinteiro, Encadernador e Serralheiro.

A Officina tem estatutos como se vê do titulo d'esta noticia, approvados pelo Governo Civil do Porto; tem um prefeito que é tambem professor de instrucção primaria, o Rev.º Padre Lemos Lobo, e tem por director o grande apostolo da instrucção em Portugal, o Dom Bosco portuguez, o Rev.º Padre Sebastião Leite de Vasconcellos.

A maneira como a caridade publica concorre a secundar os esforços do Rev.º fundador; os elogios que todos os visitantes tem feito da officina, são recompensa bastante, na terra, para os serviços do Padre Vasconcellos, serviços que nós d'aqui louvamos, agradecendo-os muito, e pedindo a Deus continue a favorecer tão santa e civilisadora officina.

... Em meio da decadencia que vae tendo o jornalismo catholico portuguez; depois da noticia que temos a dar a nossos leitores da suspensão da *Cruz do Operario*, de Lisboa; da *União do Clero*, de Braga; consola-nos ao menos o sa-

ber que na capital do mundo catholico, na cidade dos Papas, se publica uma Revista em portuguez, sob o titulo de **Correspondencia de Roma**, de que recebemos os 1.ºs numeros do 2.º anno, como havimos recebido os 1.ºs do 1.º anno, sentindo não ter recebido mais; motivo este porque não mandamos ainda a nossa Revista, o que faremos hoje.

A **Correspondencia de Roma** é bellamente redigida, estando á testa da redacção escriptores de prova da competencia, entre os quaes um compatricio nosso, e amigo, a quem felicitamos, já que auctoridade nos falta para animal-o. Recommendamos esta publicação, que custa por anno 2\$000 réis, sendo semanalmente distribuída.

... Continuaremos no proximo numero, pedindo desculpa aos senhores authores e editores da demora que tem havido com a publicação d'esta secção.

Alberto dos Guimarães.

## ANNUNCIOS

### Historia Biblica

OU NARRATIVAS DO

VELHO E NOVO TESTAMENTO

Illustrado com perto de 200 estampas

Edição em vulgar, offerecida ás escolas e ás familias portuguezas

POR

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA  
BISPO DO PARÁ

Esta obra que foi benevolamente acolhida por Sua Santidade Leão XIII e tem sido approvada por varios membros do Episcopado de todas as nações, é o melhor compendio para nas escolas se estudar a Historia Sagrada, e é um bello livro para ler e meditar em familia.

É um volume de 293 paginas, bem cartonado, e custa, franco de porte, 400 rs.

Faz-se abatimento para collegios e casas de educação, que comprem mais de 5 exemplares.

Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.